

Pestalozzi e a educação como formação humana para a virtude: reflexões sobre a Carta de Stanz

Simone Valdete dos Santos
Vinícius Lima Lousada

Simone Valdete dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil

E-mail: simonevaldete@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2523-006X>

Vinícius Lima Lousada

Instituto Federal do Rio Grande do Sul, IFRS, campus Alvorada, RS, Brasil

E-mail: vinicius.lousada@alvorada.ifrs.edu.br

 <https://orcid.org/0009-0008-2541-8303>

Resumo

O presente artigo tem por objetivo desenvolver uma análise crítica de uma das cartas de Johann Heinrich Pestalozzi sobre educação, Carta de Stanz, texto no qual o pensador relata a sua experiência educativa a serviço da República Helvética, hoje Suíça, junto a crianças pobres no século XVIII. Do ponto de vista metodológico, adotou-se a perspectiva da História Cultural, de forma a priorizar a análise da cultura e da sociedade. Com essa carta comprehende-se que Pestalozzi voltou-se ao trabalho de mestre-escola, objetivando viabilizar uma experiência original de educação pública para as classes populares, orientada pelas necessidades do Estado e concepções iluministas em torno da natureza humana, também apropriadas e propaladas por ele. Nessa carta desdobra-se a concepção educativa em processo de construção e aplicação no instituto criado pelo educador, com inspirações na dinâmica familiar em voga naquele período da modernidade. Emerge ainda do texto pestalozziano, na medida em que descreve a sua prática de educação moral, uma pedagogia das virtudes compreendida como um projeto de formação humana para o bem, justiça e verdade, através da observação e do respeito ao desenvolvimento natural da criança, que, como consequência, contribuiria com a instituição de uma educação pública coerente com as necessidades do contexto histórico vivido. Conclui-se que a experiência de Stanz permitiu a Pestalozzi traçar, especialmente, a sua perspectiva de educação moral, voltada para a autonomia do indivíduo, por sua vez alicerçada na noção de dever, como elemento regulador de si na vida em sociedade, e no uso da razão.

Recebido em: 02/02/2024

Aprovado em: 20/08/2024

Palavras-chave: Educação moral. Natureza humana. Virtude.



<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2025.e98381>

Abstract**Pestalozzi and education as human formation for virtue: reflections on the Stanz Letter**

This article seeks to develop a critical analysis of Johann Heinrich Pestalozzi's Stanz Letter, in which he reflects on his educational experience working with poor children in the service of the Helvetic Republic (modern-day Switzerland) in the 18th century. Methodologically, the study adopts the perspective of Cultural History, emphasizing the analysis of culture and society. Through this letter, it is evident that Pestalozzi returned to his role as a schoolteacher, aiming to establish a pioneering model of public education for the working classes, shaped by the needs of the state and Enlightenment ideas about human nature, which he also embraced and promoted. The Stanz Letter reveals the development and application of Pestalozzi's educational philosophy in the institute he founded, drawing inspiration from the family dynamics prevalent during that period of modernity. Additionally, as Pestalozzi describes his practice of moral education, a pedagogy of virtues emerges – one understood as a project for the formation of individuals in goodness, justice, and truth, achieved by observing and respecting the natural development of the child. This approach, Pestalozzi believed, would ultimately contribute to the establishment of a public education system aligned with the societal needs of the time. In conclusion, Pestalozzi's experience at Stanz allowed him to refine his approach to moral education, centered on fostering individual autonomy through the cultivation of duty as a guiding principle for life in society, alongside the exercise of reason.

Keywords: Moral education. Human nature. Virtue.

Resumen**Pestalozzi y la educación como formación humana para la virtud: reflexiones sobre la Carta de Stanz**

El artículo es resultado de una encuesta de productividad del CNPq, que tiene como uno de sus sitios de investigación la carrera de Pedagogía de la Universidad del Oeste de Santa Catarina (Unoesc). El objetivo de esta sección del proyecto fue mapear a los egresados del curso de pedagogía de la Institución Comunitaria de Educación Superior, con el fin de evaluar las condiciones de trabajo, el nivel socioeconómico y la satisfacción de estos pedagogos con su formación (inicial). Se trata de una investigación cualitativa y exploratoria, con sujetos egresados de los campi Capinzal y Campos Novos entre 2019 y 2022. Los datos fueron recolectados a través de un cuestionario semiestructurado organizado mediante la Escala Likert. La investigación mostró que los egresados de la carrera de pedagogía enfrentan diferentes desafíos en el ejercicio de la profesión, como la falta de oportunidades, la devaluación financiera y la contratación laboral temporal. Por lo que se recomienda la implementación de políticas educativas encaminadas a la contratación de docentes recién egresados mediante concursos públicos, con incentivos laborales para que puedan continuar sus estudios. La investigación demostró que es necesario crear políticas para incentivar la inserción de los pedagogos en el mundo de la investigación, además de aumentar el salario de estos profesionales.

Palabras clave:
Educación moral.
Naturaleza
humana. Virtud.

No presente artigo, debruçamo-nos em torno de uma das cartas de Johann Heinrich Pestalozzi, profícuo educador e pensador suíço, que relata a sua experiência educativa a serviço do governo com crianças pobres de Stanz, na Suíça, datada de 1799, utilizando-nos de uma recente tradução em nosso idioma (Pestalozzi, 2023).

A tradução, realizada pela editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP) em parceria com a Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), está presente na coleção *Diálogos em História da Educação*. A obra, traduzida do alemão de *Como Gertrudes ensina suas crianças*, de 1801, traz uma apresentação de Vera Teresa Valdemarin, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Biociências de Rio Claro/UNESP, que compõe a trajetória de Pestalozzi e a importância de sua obra para a Pedagogia. Na sequência, a *Carta de Pestalozzi a um amigo sobre sua estadia em Stanz*, de 1799, objeto de análise do presente artigo, com 34 páginas, configura-se como uma das mais longas. O livro traz o prefácio da segunda edição, de 1820, e as demais 14 cartas escritas por Pestalozzi.

Pestalozzi, com formação em Teologia e Direito, voltou-se ao labor de mestre-escola objetivando contribuir com a educação pública em seu país. Nessa carta foram desenvolvidas seminalmente suas concepções pedagógicas em processo de construção e aplicação no Instituto criado pelo educador, com inspirações na dinâmica familiar celebrada na cultura burguesa em voga na época. Emerge da descrição feita pelo autor da carta uma *pedagogia das virtudes*, norteada pela amorosidade, respeito ao desenvolvimento infantil e anseio por uma educação coerente com as necessidades do contexto histórico em que vivia. Pestalozzi, igualmente, descreve na carta uma metodologia experimental de alfabetização que foi gestada na sua atuação em Stanz, todavia dela aqui não nos ocuparemos, tendo em vista que o objeto de nossa análise está relacionado à concepção de educação expressa pelo educador.

A leitura crítica, aqui levada a efeito sobre o texto de Pestalozzi, objetiva identificar as categorias emergentes de seu ideário pedagógico, expressas na *Carta de Stanz*, como um processo inacabado e em desenvolvimento, apresentado nos limites do texto e considerando para a sua interpretação os condicionantes históricos e distanciamentos culturais do leitor e pesquisador contemporâneo. Nesse movimento de busca comprehensiva, a partir da carta traduzida para a Língua Portuguesa (Pestalozzi, 2023), identificamos as categorias recorrentes da *pedagogia* do autor para, na sequência, sistematizá-las e as conectar a excertos textuais que materializam a sua recorrência e relevância no seu discurso sobre a prática educativa. Naturalmente, à categorização deste fragmento do pensamento pedagógico de Pestalozzi, associamos as reflexões, como subsídios teóricos, de outros textos do autor, para fins de compreensão de suas proposições, e fizemos uso da perspectiva da História Cultural (Falcon, 2002, p. 105) “[...] concebida como um campo de múltiplos temas e saberes, [...] ora pensada como um leque disciplinar, ora como área de investigação interdisciplinar

ou mesmo metadisciplinar, capaz de dar conta de todas as práticas e representações sociais". E, também, voltada a diversos temas, entre os quais os intelectuais, como Pestalozzi, buscando compreender o papel deles, sua função como difusores e realizadores de determinada cultura.

Na primeira seção do artigo, *Pestalozzi e a Carta de Stanz*, são trazidos aspectos da biografia, da produção bibliográfica do educador e do contexto histórico-cultural de seu trabalho educativo desenvolvido em Stanz, sem se deixar de introduzir o tema da natureza humana, aliás fundamental para o seu ideário pedagógico, discutido em suas obras a partir da própria prática. Na segunda seção do artigo, *Educação como formação humana para a virtude*, dedicamo-nos a reflexionar sobre a relação da pedagogia pestalozziana com uma concepção de educação para a emancipação, por meio do desenvolvimento moral; sobre a teoria dos três estados do ser humano para Pestalozzi, crucial para fundamentar sua concepção e prática pedagógica, que mira não somente a instrução intelectual, mas que se ocupa, especialmente em Stanz, de uma educação moral para a autonomia, tendo por objeto o desenvolvimento de virtudes para as quais a natureza humana parece estar vocacionada como um vir a ser, coerente com o projeto civilizatório da modernidade, com as necessidades do novo regime e convergente com a mentalidade burguesa do século XVIII.

Assim, a educação moral se evidencia na obra de Pestalozzi como crucial para a emancipação dos indivíduos ante as condições da existência e a ignorância, anseio de inspiração iluminista presente em seus textos e orientador de seu fazer educativo. Tomamos a liberdade de nomear a educação moral narrada nesta carta como *pedagogia das virtudes*, considerando a sua centralidade no trabalho do educador em Stanz, tendo em vista os fins do projeto de educação empreendido por ele. Essa *pedagogia das virtudes*, enquanto formação humana com a intencionalidade de construção da autonomia moral dos educandos de classe popular, é desenvolvida por Pestalozzi através de intenção e ação no sentido de contenção de atitudes impulsivas, do diálogo entre educador-educandos em investigações éticas, da problematização de situações concretas do cotidiano e da convivência em uma dinâmica que imitaria uma configuração familiar idealizada, romântica até, onde as ações educativas deveriam compor-se de intervenções as mais harmônicas, no plano do possível, com o desenvolvimento integral do educando em curso, em conformidade com a natureza humana e orientada para os fins de formação de indivíduos consoante as necessidades da República e os valores por ela propalados.

Pestalozzi e a Carta de Stanz

Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) foi um educador nascido na região de Zurique, na Suíça, que viveu em um período marcado pelos desdobramentos da Revolução Francesa para a Europa e da Revolução Industrial, em curso naquele momento. Dedicou a sua vida aos labores da educação do povo, iniciando sua trajetória de educador com crianças pobres, tornando mais tarde o

seu método formativo e o Instituto de Yverdun (1805) importantes referências de educação para a burguesia europeia oitocentista. Como pensador e escritor também procurou comunicar suas ideias por intermédio de cartas e livros impressos, nos quais difundia o seu ideário pedagógico, elaborado a partir das variadas experiências com os seus educandos na condição de mestre-escola, como já referimos.

Pestalozzi viveu entre os séculos XVIII e XIX, importante período histórico examinado por Hobsbawm (2021) como um período caracterizado por duas grandes revoluções na Europa com impacto no mundo: a Revolução Francesa e a Revolução Industrial (inglesa). Para o historiador, tratou-se mais de uma revolução da indústria capitalista, da classe média burguesa liberal, do avanço de economias e Estados de um ponto específico do globo, Grã-Bretanha e França, do que da indústria, simplesmente, da igualdade e da liberdade ou do Estado moderno, estabelecendo-se o domínio do globo por alguns regimes ocidentais.

O mundo europeu em que se situa Pestalozzi era limitado às circunstâncias do mundo conhecido, apesar do labor dos navegadores, os quais inauguram o período nomeado como Modernidade, tendo início no século XV até o XVIII, período que envolve as vivências e escritos de Pestalozzi, o desenvolvimento da instituição escolar, os quais também adentram a primeira metade do século XIX, em uma divisão canônica da História colocado como período contemporâneo.

Por outro lado, é preciso considerar que doenças endêmicas limitavam o processo de colonização em diversos pontos, especialmente no território nomeado pelos europeus como América. Além disso, os meios de comunicação guardavam também os seus limites, não obstante, naquele período, o sistema de diligências houvesse se ampliado após as guerras napoleônicas, antes de surgir o sistema de ferrovias que encurtaria temporalmente distâncias. A produção de cartas era o que impedia o isolamento de funcionários de governos e agentes de comércio letRADOS e que viajavam, algo ainda incomum naquele período. Postagens e pessoas eram transportadas em carruagens, no caso de nobres, enquanto o povo, normalmente, dispunha de carretas. Já o transporte fluvial era mais dinâmico e, apesar de sua intermitência, era um ponto de ligação crucial entre as capitais. Imensurável, para a maioria de seus habitantes, e essencialmente rural, o mundo em que viviam os europeus acolhia notícias pelas correspondências, de viajantes, caminhantes, religiosos, pobres andarilhos e soldados, em período de guerra e de paz. Era comum, entre a maioria das pessoas, experienciarem uma vida circunscrita a uma determinada localidade e boa parte da população na Europa era camponesa.

Retornando especificamente a Pestalozzi (2008), segundo Cabanas, pesquisador barcelonês e seu tradutor profícuo, os escritos do educador suíço poderiam ser divididos, de modo geral, em dois tipos: os que apresentam a educação como meio de desenvolvimento social e comunitário e aqueles

de caráter mais marcadamente pedagógico, especificamente, quanto seus primeiros escritos tenham abordado temas como direito, política, moral, teologia e sociedade. Os textos pedagógicos de Pestalozzi poderiam ser postos em três grupos: aqueles que são sobre teoria (filosofia) da educação; os que se ocupam de diversos temas, como educação infantil, educação moral, educação religiosa, da relação entre educação e trabalho e aqueles mais focados na descrição de sua didática. A experiência educativa anterior a Stanz, na cidade de Neuhof, em sua propriedade, situada no cantão de Aargau, é a que iria permitir a Pestalozzi criar o seu método, que foi sendo desenvolvido e consolidado ao longo de sua carreira como educador.

Uma marca interessante da obra de Pestalozzi é o estilo epistolar. Suas cartas, como esta que analisaremos, trazem uma forma expositiva da compreensão de educação da qual partilhava, sua perspectiva filosófica e metodológica, aliada a um gosto particular de escrita sobre si mesmo, com uma prática de narrativa autobiográfica que, presente em seus textos, permite identificar o discurso como fragmento de uma época e de uma mentalidade, como também favorece a investigação do ideário educacional na modernidade, contributo oportuno para o campo da História da Educação. Aliás, foi após abandonar as carreiras possíveis e presentes em sua dinâmica familiar, no campo da Teologia e do Direito, que Pestalozzi teve ensejo de aprofundar seus estudos filosóficos, entre a leitura de pensadores que lhe eram contemporâneos e outros da antiguidade clássica. É importante considerar sobre Pestalozzi o seu contexto histórico e, nesse sentido, anota Brum (2014, p. 38), ele

[...] nasceu e viveu num período de reconstrução social em todas as áreas. Sofreu fortemente a influência dos movimentos da época, como o romantismo, o iluminismo, a Revolução francesa e a Revolução Industrial e as guerras Napoleônicas. Estes acontecimentos modificaram todo o cenário educacional da época. Nesse período, Pestalozzi já começara a testar as ideias de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e passa a aperfeiçoar seu método educativo tendo como fontes de inspiração teorias de autores como Jan Amos Comenius (1592-1670), Francis Bacon (1561-1626), John Locke (1632-1704), Johann Bernhard Basedow (1723-1790), e contemporâneos – Immanuel Kant (1724-1804). Conforme aponta Würth (1971) e Compayré (1911), Pestalozzi também conhecia as obras de autores menos conhecidos e filantrópicos como: Johannes Niederer (1779-1843), Christian Gotthilf Salzmann (1744-1811), Karl Friedrich Bahrdt (1741-1792), Johann Jakob Bodmer (1698-1783), Johann Jakob Breitinger (1701-1776), Johann Caspar Lavater (1741-1801) filósofo e reformador, Johann G Fichter (1762- 1814), Johann Christoph Gatterer (1727-1799), Friedrich Schiller (1759-1805), que deram fundamentação teórica para elaboração do seu método pedagógico social.

Tendo investido sua fortuna na causa da educação, pelo que consta, Pestalozzi escreveu também para fugir à falência o romance *Leonardo e Gertrudes* (1781 a 1787), organizado em quatro volumes, onde propunha ideias de reforma social e regeneração da humanidade a partir de uma educação inspirada nos valores iluministas e republicanos, ou seja, de caráter secular, ainda que trouxesse elementos de religiosidade reformada em seus escritos. Depois, publicou em 1797 *Minhas Investigações sobre o curso da natureza humana e a evolução da humanidade* (Pestalozzi, 2004), onde se dedicou aos temas das contradições do homem na sociedade, os três estados da

humanidade, tais como o de natureza, social e moral – de importância capital para o pensamento pedagógico pestalozziano, que se revelava com uma discordância interessante para com a visão de Rousseau, expressada outrora em *O Emílio ou da educação* (Rousseau, 1999), e que nos dá ensejo de compreender a perspectiva de autonomia moral que está subjacente à obra de Pestalozzi –, além da aplicação de seus princípios filosóficos e suas conclusões.

Para Pestalozzi (2004), a precariedade ou necessidade conduziria o ser humano ao estado social que, normatizado pelo contrato social, iria levá-lo a conter as manifestações das paixões e garantiria o convívio, a propriedade privada dos bens, a manutenção dos direitos e evitaria que o governo, quando estabelecido, fosse orientado em suas decisões pela animalidade remanescente na natureza humana. Todavia, seria através do estado moral que o ser humano se elevaria para além de seus apetites animalizados, oriundos do estado de natureza ou de interesses subalternos, originando ilegítimas necessidades ou convenções sociais, podendo conduzir-se pela conjugação da moral, da justiça e da verdade, pela virtude, enfim. Aparece, aqui, a categoria *paixão*, que deve ser compreendida no âmbito das concepções filosóficas da modernidade, pois, com Descartes (2009), as paixões seriam percepções, sentimentos ou emoções da alma, especificamente, que são causadas, mantidas e fortalecidas por sensações do corpo. O termo paixão se refere ao domínio de determinada emoção sobre a personalidade ou razão de um indivíduo.

Já, no estado moral, o ser humano seria capaz de representar a si mesmo todas as coisas do mundo, independentemente dos instintos e das circunstâncias sociais. Essa forma de ler a realidade tratar-se-ia de uma capacidade autônoma e íntima da natureza humana que lhe permitiria aprimoramento quando o indivíduo agisse em conformidade com o que deve fazer, fazendo do dever a lei do seu modo de agir. Tratava-se de uma moral individual, autônoma, o que propunha Pestalozzi (2004) sobre o terceiro estágio da humanidade em sua teoria.

Dessa forma, a produção escrita de Pestalozzi se desdobraria em conformidade com o seu itinerário de educador, sendo entrelaçados seus livros com sua ação pedagógica em distintos contextos, na maioria das vezes orientada pelo anseio de efetivar um projeto de educação para o povo coerente com o que demandava a configuração política de um Estado-Nação.

Assim, consideremos que, quando Pestalozzi se propõe a criar o seu instituto em Stanz (1798), havia ocorrido uma revolução em seu país, promovida pela invasão francesa, constituindo-se, assim, a República Helvética, e foi sob os auspícios do governo que Pestalozzi se instalou naquele vilarejo, palco de uma tragédia, para atender a necessidade de implementar uma experiência de educação do povo que servisse à construção de uma sociedade orientada pelos valores republicanos, herdeiros do ideal iluminista. Incontrí (1997) afirma que a França encontrou

na Suíça um campo aberto para a sua expansão revolucionária, onde passaria a implantar a sua influência política estribada na força e presença militar, consoante ao que ambicionava Napoleão.

Até aquele período, imperava uma organização social e política, na Suíça, de caráter confederativo, que unia territórios denominados por cantões. Cada cantão conservava alguma autonomia política e neles vigorava uma democracia representativa, através de comunas regionais, não obstante, em alguns casos, prevalecesse ainda a dinâmica de um modo de produção praticamente feudal. Onde havia industrialização, como no caso de Zurique, uma oligarquia conduzia os destinos políticos, lidando com uma inexpressiva representação burguesa. Nessa época, segundo a autora, os grupos políticos dos quais Pestalozzi participava aspiravam mudanças, e, por meio de seus escritos, ele buscava sensibilizar a aristocracia para as transformações sociais almejadas pela nova ordem social¹.

Esse movimento se insere num horizonte de “descoberta do povo”, destacado por Burke (2010), ocorrido entre o final do século XVIII e início do século XIX, onde o povo passa a interessar aos intelectuais europeus no momento em que a cultura popular se esvanecia. Canções, contos e poemas de origem popular começaram a interessar a burguesia esclarecida, havendo destaque para a contribuição de Johann Gottfried von Herder, crítico do Iluminismo, com o seu ensaio (1778) a respeito da poesia e sua influência na Antiguidade e na Modernidade. Em seu entendimento, a poesia exercera no passado uma função prática, perdida naquele momento, relacionada à organização da comunidade, viva noutros tempos e divinizada entre alguns povos (hebreus, gregos e do norte europeu) e, desse modo, a canção popular, como expressão da cultura do povo circulante nas práticas sociais de compartilhamento oral, guardaria uma eficácia moral, como no passado. Desse modo, a cultura popular, através da poesia como um patrimônio da humanidade, passaria a ser vista, nessa redescoberta do povo, com interesse pelas classes esclarecidas. Os contos dos irmãos Grimm também promoveram essa associação entre a cultura popular e a poesia, como que tecidas coletivamente e pertinentes de atenção nessa redescoberta das pessoas simples, do povo. As razões de interesse intelectual pelo povo na Europa oitocentista transitavam da estética, por questões de ordem intelectual, e políticas, como se insere a ação educativa de Pestalozzi, se considerarmos o papel da educação na formação do Estado-Nação.

Em seu itinerário, Pestalozzi estruturou experiências educativas em Neuhof Birr (1774), Stanz (1798), Burgdorf e Münchenbuchsee (1799-1804/1805) e Yverdon (1804-1825). Sua produção literária pode ser cronologicamente registrada da seguinte forma (Incontri, 1997;

¹ Evidentemente que a “nova ordem social” burguesa da Modernidade da Europa ocidental convivia com a escravidão de indígenas nas colônias da América Latina e Oceania, bem como dos africanos capturados de seus territórios também espoliados pelo processo de colonização. A revolução industrial, que determinava jornadas de trabalho exaustivas, somente no século XIX, com a organização dos sindicatos, promoverá horários controlados, limpeza, proibição do trabalho infantil e condições menos insalubres no cotidiano das fábricas.

Pestalozzi, 2008): quando membro da sociedade helvética, ombreada junto a Lavater, participou da redação de seu periódico, criado em 1765 e proibido em 1767; escritos sobre a experiência em Neuhof (1777), depois produziu um escrito de aforismos, *Crepúsculos de um eremita* (1780); *Leonardo e Gertrudes* (1ª parte a 4ª parte, respectivamente nos anos 1781, 1783, 1785 e 1787); *Cristóvão e Elsa* (1782); o periódico *Uma Folha Suíça* (1782); *Legislação e infanticídio* (1783); *Ilustrações para meu livro do ABC ou para os princípios básicos do meu pensamento* (com fábulas e parábolas); *Minhas investigações* (1797); *Como Gertrudes ensina a seus filhos* (1801); *Pestalozzi e sua época* (1802-1803); *Discurso de Lenzburg* (1809); *À inocência* (1815); *Cartas sobre Educação Infantil* (1818/1819) e *Canto do Cisne* (1826); *Sim ou não? Considerações sobre o humor político da humanidade europeia nas classes altas e baixas por um homem livre*.

Em termos de contexto, Hillesheim (2004) lembra que a experiência pedagógica de Stanz durou apenas cinco meses e que se encerrou com o educador enfermo e levado para os Alpes, por amigos, onde ele escreveu a missiva em análise neste artigo. A escola, que funcionou no convento de Ursulina, foi reformada e teve o seu princípio na data de 14 de janeiro de 1799. Nesse ínterim, o novo governo resolveu dar início a uma instituição educacional para os órfãos da região e nomear Pestalozzi como o responsável. Sobre a sua condição, nesse contexto de trabalho, o autor assim se refere, escrevendo ao seu amigo Heinrich Gebner (1768-1823), editor suíço e impressor:

[...] Era considerado um herege que, embora fizesse algum bem às suas crianças, colocava em perigo a salvação de suas almas. Essas pessoas nunca haviam visto um reformado [...] em atividade no serviço público, ainda mais habitando entre eles como educador e professor de suas crianças [...] e o momento favorecia a desconfiança religiosa intimamente associada aos receios políticos, apreensões e, por vezes, à hipocrisia que estavam na ordem do dia em Stanz mais do que nunca (Pestalozzi, 2023, p. 24).

A Carta sobre Stanz apresenta reflexões do educador suíço e ex-redator de um jornal que propagandeava as ideias da República Helvética, sobre a sua ação educativa junto aos órfãos de Stanz:

[...] a República necessitava inevitavelmente de uma transformação do sistema educacional, e ele estava de acordo comigo: a maior possibilidade de efetivação da formação do povo poderia ser alcançada através da completa educação de um número considerável de indivíduos escolhidos dentre as crianças mais pobres do país, se essas crianças não fossem retiradas de seu meio; antes que, pela educação, mais e mais, se ligassem a ele (Pestalozzi, 2023, p. 18).

Assim, nessa carta Pestalozzi relata as suas percepções e desafios vividos no cotidiano do trabalho pedagógico em processo de elaboração a partir da prática de mestre-escola, residindo com as crianças, conhecendo a dinâmica de seu cotidiano, de vidas em precariedade material, cuidando-as e procurando estabelecer junto delas um relacionamento educador-educando com inspiração no ideal burguês de vida familiar, contando com a presença de atividades em consonância com o

desenvolvimento harmônico delas, desenvolvendo rotinas de trabalho em cooperação, estudo e análise de situações de forma coletiva, fortemente marcadas pela intencionalidade de humanização e emancipação pela educação, de ilustração do espírito por intermédio da instrução, da preparação do cidadão virtuoso, necessário à República através de uma educação moral, nem religiosa e nem livresca ou cercada de aforismos, mas por meio do diálogo sobre determinadas circunstâncias, em que eram investigadas as condutas mais adequadas aos fins para os quais seria vocacionada a natureza humana.

A Educação como formação humana para a virtude

Parece oportuno procurar situar o contexto do trabalho pedagógico de Pestalozzi e sua obra literária no âmbito da modernidade enquanto projeto civilizatório e, portanto, na esteira de uma racionalidade iluminista e revolucionária, que compreende um ideário de humanidade e de formação humana. Assim, podemos reafirmar que a

[...] modernidade constitui-se, na trajetória antropológica de nossa espécie, num movimento intenso de rupturas ou descontinuidades com a leitura de mundo anterior, com as formas de racionalidade tradicionais e pré-modernas, em favor da constituição de outra racionalidade, unívoca, científica, rigorosa, desmistificante do mundo, orientada por um adestramento da Natureza pelo humano e pela apropriação da Natureza externa de nossa humanidade em prol do progresso e da iluminação intelectual dos indivíduos. Pode ser compreendida no estilo de vida e de organização social que emergiu na Europa a contar do século XVII e que se tornou quase mundial, paradigmática mesmo (Lousada, 2011, p. 16).

Essa racionalidade postulava uma concepção de ser humano que fosse convergente para com os fins do projeto civilizatório empreendido, cada vez mais afastado da natureza, apartando o indivíduo de qualquer aspecto da natureza humana que remettese ao incivilizado, ao primado dos instintos e ao domínio das paixões. Dessa negação da animalidade emergiria o indivíduo virtuoso, necessário à República Helvética, foco da educação moral empreendida no projeto educativo de Pestalozzi, indispensável como propósito civilizatório da modernidade e em conformidade com o anseio da *Ilustração* de emancipação humana de qualquer “corrente”, intelectual, política, social ou até mesmo imposta pela natureza humana, naquilo em que nela remanescia do estado de natureza ou fosse degeneração causada pelo estado social.

Tinha-se em vista, no projeto pedagógico de Pestalozzi, a formação de uma autonomia moral. Isso nos lembra as reflexões do filósofo Theodor Adorno (1995), quando, por sua vez, remetia-nos ao espírito do *Esclarecimento* (Iluminismo) segundo Immanuel Kant, que almejava a emancipação humana, aliás, autoinculpável, caso a sua ausência não tivesse como causa a carência de conhecimento, mas desânimo e falta de coragem para o ser humano agir sem tutela, segundo a própria racionalidade, livre das peias do estado de natureza e das paixões. A República Helvética

aspirava uma educação para a emancipação, aqui chamada de autonomia, como, inclusive, refere Pestalozzi em *Minhas Investigações*.

A teoria do educador suíço, em *Minhas Investigações* (Pestalozzi, 2004), sobre os três estados do homem, traduzia a sua leitura sobre a natureza humana e seu desenvolvimento. No *estado de natureza*, o homem viveria sob o império do instinto, onde residiria a essência mesmo do modo de sentir, pensar e agir nesse estágio, de forma que o ser humano se deixaria levar inconscientemente pela satisfação dos sentidos. O estágio seguinte de desenvolvimento do gênero humano, o *estado social*, consistiria em restrições do estado de natureza, tais restrições no âmbito das capacidades físicas evitaria o retorno à barbárie e, na aquisição de certas capacidades sociais, seriam tomados conhecimentos da relação entre as pessoas consoante o contrato social. Prosseguiria, segundo Pestalozzi, a disputa de interesses mais instintivos do estágio anterior, mas de outra forma, ainda com todas as aberrações da natureza humana imperfeita. E, finalmente, no *estado moral*, o homem faria para si uma representação de todas as coisas deste mundo de forma independente dos apetites e das circunstâncias sociais, a não ser na medida em que elas contribuissem com o enobrecimento do indivíduo que surgiria a partir de um sentimento que nele habitaria: “Eu me aperfeiooo a mim mesmo quando, para mim, daquilo que devo faço lei do que quero” (Pestalozzi, 2020, p. 222)².

O ser humano se tornaria moral quando colocasse em primeiro lugar a virtude (benevolência) em relação ao egoísmo (instinto animal) no atendimento de suas vontades e, dessa forma, conviveríamos na ambiguidade entre o egoísmo animal, mobilizado pelos instintos e o bem, corporificado na moralidade, que aponta o dever como norma do querer, posicionada acima da vontade individual e considerando os benefícios para o indivíduo e para o bem comum.

A teoria dos três estados, desenvolvida por Pestalozzi para explicar *o curso da natureza na evolução da humanidade*, é deveras relevante para compreendermos a sua visão da natureza humana e, dessa forma, a concepção pestalozziana de educação que abarca instrução e educação moral para a autonomia, tendo em vista a formação do cidadão virtuoso almejado no projeto civilizatório de emancipação humana da modernidade, como já dito aqui. Ao que nos parece, a ação educativa de Pestalozzi em Stanz, com base na sua carta, não somente estaria a serviço da República, mas, também, voltou-se às aspirações humanitárias e crenças cristãs do educador que tecia, em sua narrativa ao amigo Gebner, o rosário de seu ideário pedagógico reformador em processo de materialização, em prol daqueles órfãos de guerra e, por que não dizer, que almejava se

² “yo me perfecciono a mí mismo cuando, para mí, de aquello que debo hago la ley de lo que quiero” (Pestalozzi, 2020, p. 222).

estendesse à humanidade. Dizia ele, fazendo referência às necessidades do novo regime e à convergência com as demandas do Estado:

[...] a República necessitava inevitavelmente de uma transformação do sistema educacional, e ele estava de acordo comigo: a maior possibilidade de efetivação da formação do povo poderia ser alcançada através da completa educação de um número considerável de indivíduos escolhidos dentre as crianças mais pobres do país, se essas crianças não fossem retiradas de seu meio; antes que, pela educação, mais e mais, se ligassem a ele (Pestalozzi, 2023, p. 18).

A descrição que Pestalozzi fez na carta sobre seus educandos, especialmente a partir do momento que se iniciava a sua tarefa de pedagogo, fala-nos do autor enquanto filantropo burguês e cristão reformado, inserido em um ideal civilizador, mas sensível ante a pobreza, à condição das crianças do povo, paupérrimas e órfãs. Afirmava ele que, em meio à rudeza das condições materiais da existência daquelas crianças, enxergava nelas a força viva da natureza que compunha, digamos assim, o vir a ser do ser humano. A natureza humana, no prisma pestalozziano, revelar-se-ia como vocacionada a desabrochar em potencialidades a partir da intervenção educativa em harmonia com esse processo, capaz de lapidar o melhor do que jazia subjacente nas camadas visíveis do ser humano em suas circunstâncias, despertando-se as *forças da alma*, provocando o desenvolvimento do juízo e do bom senso no educando, dentro de uma perspectiva de formação humana para a virtude, através de uma educação moral que levaria a pensar autonomamente sobre o que é moral, justo e verdadeiro, afinal, compreendia o educador, que o indivíduo se tornava inteiramente moral somente por si mesmo, por sua própria capacidade na medida em que fazia do dever sua diretriz comportamental (Pestalozzi, 2004),

[...] a virtude brota dessa concordância, assim como a planta jovem se desenvolve da harmonia do solo com a natureza e com as necessidades de suas mais tenras fibras. Tenho visto crescer nas crianças uma força interior cuja grandeza excede em muito as minhas expectativas, e cujas manifestações me encheram de espanto e emoção (Pestalozzi, 2004, p. 32).

A compreensão de *bom senso* por parte de Pestalozzi nos remete à tradição filosófica da modernidade, preconizada por Descartes (2019, p. 17), em seu *Discurso do Método*, como “[...] o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, [...]”. Educar para o bom senso parece ser educar para o refinamento do juízo ético das situações do cotidiano, para avaliar a razoabilidade do motivo desta ou daquela ação, suas consequências morais e implicações para a humanização do ser. Vejamos que, reunindo as crianças em uma mesma casa, com inspiração de um ideal burguês de família e romântico de maternidade, Pestalozzi imaginava a possibilidade de conduzir seus educandos a um sentimento de fraternidade recíproca, mediante o cultivo de virtudes, num ambiente simples para o convívio e trabalho em comum, considerando a natureza que cercava as crianças, suas necessidades, curiosidade e atividade constante, sem a presença de recursos artificiais.

Aliás, foi nesse princípio que ele fundamentou a sua intervenção pedagógica e o seu instituto. Pestalozzi, em seu ideário pedagógico em construção, com parte dele expresso nessa carta, pretendia reproduzir algo cultural das relações familiares reservado à educação doméstica, que considerava vantajoso para a educação pública, provavelmente porque a condição da infância naquele contexto pedia uma educação secular que levasse em conta o afeto como elemento que nutria o vínculo com a aprendizagem e fomentaria a autonomia moral, tudo isto associado ao trabalho em cooperação, como demandaria a vida doméstica nas classes populares.

Do campo da História Cultural recolhemos uma contribuição importante dessa busca, não gratuita, de inspiração numa concepção em voga de família para as relações escolares: Perrot (1991) lembra que a Revolução Francesa procurou subverter a fronteira entre o público e o privado. A construção de um “novo homem” demandava uma nova organização do espaço social, tempo e memória, todavia os costumes se impuseram à lei. Essa questão se colocou aos pensadores do período no século XVIII. Naquele contexto, a família passou a ganhar a relevância de célula básica do organismo social, instância reguladora e garantidora da moral, um todo superior aos indivíduos no amálgama da sociedade. Ao que parece, quanto à mentalidade social em vigor à época, a formação humana para a virtude passava pela família compreendida como instância virtuosa e ponto de convergência social pelo qual transitava a organização do Estado e a formação de um ideal de humanidade, certamente associado a valores laicos, como a liberdade de crença, mas ainda com algum resíduo de religiosidade.

O primeiro aspecto que disso resulta diz respeito à necessidade de uma compreensão mais completa do espírito humano antes de a instrução escolar ser levada a efeito. Segundo Pestalozzi, o entendimento da natureza humana dava-se especialmente e de modo sensível no ambiente familiar com o papel preponderante da mãe, pois, em toda a boa educação familiar era possível uma leitura cotidiana do desenvolvimento da criança e de suas mudanças de humor. Dessa forma, a educação exigiria do educador uma presença que incorporasse na prática elementos da educação doméstica, como as atitudes do pai ou da mãe idealizados. Como vimos, a educação popular em gestação precisaria se inspirar no modelo relacional romântico preconizado para as famílias, com a presença do afeto que imaginava vigorar nelas como recurso necessário à educação do gênero humano, com um olhar atento para o desenvolvimento das potencialidades da criança.

Sobre educação popular, na perspectiva histórica, é útil recordar o artigo de Weiss (2004) sobre o tema e a elasticidade desse conceito. Segundo o referido pesquisador, a literatura remete a Condorcet a sistematização inicial do ideário da educação popular na Europa, a partir da sua atuação política junto ao Estado francês, pós-revolucionário:

O ‘rapport’ apresentado por Condorcet em abril de 1792 na Assembleia Nacional, em nome do Comitê de Instrução Pública, se tornou, na historiografia, um verdadeiro mito fundador. Ele contém a maior parte das ideias centrais que animam ainda hoje nosso ensino e a educação popular. Os motivos destas interpretações que vinculam Condorcet e a educação se encontram nos temas tratados por ele: a educação deve atender todas as idades, a ligação entre cidadania e educação, como já vimos, e, de uma forma mais radical, se poderia dizer que ele previu uma série de ações levadas a efeito pela educação popular, como por exemplo bibliotecas, museus do trabalho, conferências populares organizadas por ‘institutors’ (Weiss, 2004, p. 81).

Assim, em razão dos temas desenvolvidos e defendidos pelo Marquês Condorcet sobre a educação das classes populares e sua relação com o Estado e formação para a cidadania, a ele é remetida a fonte do ideário primário do que se pode chamar de educação popular, fundamental para a sobrevivência da sociedade republicana e para o despertar da razão entre os cidadãos. Dessa forma, ajuda-nos a compreender ainda (Weiss, 2004) que, nessa perspectiva, a sociedade seria subordinada à educação, dela procedendo, e então se colocaria à educação um extraordinário poder modelador do progresso do espírito, comum a outras correntes sociais. Todavia, é importante ressaltar que, anteriormente à apresentação do relatório de Condorcet sobre educação pública junto ao parlamento francês, que o imortalizou como referência histórica das premissas da educação pública para os pobres, Pestalozzi, há muito, teria vivenciado a sua experiência de educação popular em Neuhof Birr (1774), onde desenvolveu um instituto de educação profissional para crianças campesinas em propriedade agrícola própria, além do fato de que já era um escritor conhecido.

Voltando à Carta de Stanz, emerge dela a educação como formação humana para a virtude, que demandaria processos de educação moral capazes de levar à autonomia, ao bom senso, quer dizer a um juízo ético no exercício da distinção do que estaria convencionado socialmente como certo ou errado. Não se tratava de uma educação moral pelos livros, com memorização de máximas definidoras do comportamento aceitável ou esperado naquele contexto. Pestalozzi, a nosso ver, ensaiava em seu relato uma proposta educativa que poderíamos chamar de uma *pedagogia das virtudes*, para chegar à formação moral das crianças, com um método experiencial que se iniciava com o cuidado integral. Vejamos como ele concebia uma norma para as primícias desse processo:

[...] procura primeiro tornar suas crianças generosas, e aproximar amor e benevolência através da satisfação de suas necessidades diárias, seus sentimentos, suas experiências e suas ações, e assim fundamentará e irá assegurá-los em seu íntimo, tornando habituais diversas aptidões para que possam exercitar com segurança essa benevolência em seu círculo cada vez mais amplo (Pestalozzi, 2023, p. 30).

Portanto, com base no exposto, podemos afirmar que, na experiência de Stanz, o princípio de educação moral adotado por Pestalozzi visava a educação como formação do caráter da criança para a virtude e, para isso, o educador procurava, em primeiro lugar, conduzir as crianças à vivência de nobres sentimentos quando no atendimento de suas necessidades, de forma que a virtude se instituisse como um hábito adquirido, incorporado paulatinamente à subjetividade infantil, a

começar por uma percepção dos sentidos, dos sentimentos vivenciados e do bem-estar proporcionado pelo cuidado afetuoso para com a criança. Na sequência, vislumbrava o mestre-escola a aquisição de virtudes exercidas no cotidiano da convivência, por meio do trabalho colaborativo, da realização de tarefas demandadas pelas necessidades coletivas e, a partir disso, na análise em comum de acontecimentos cotidianos da casa, levando as crianças a compreender o que se passava à sua volta, os valores implicados em suas vivências, para que aprendessem uma opinião justa, aquela ditada pelo bom senso, sobre a sua vida e as relações estabelecidas.

O alvo dessa *pedagogia das virtudes* de Pestalozzi é a educação moral dos educandos pela convivência, por meio dos efeitos das coisas circundantes sobre os indivíduos e dos fatos da vida, considerando o projeto civilizatório e republicano em voga, na época em seu país, no contexto da modernidade. Assim, sobre educação moral, conforme expresso nesta carta, há que se ponderá-la em quatro etapas na perspectiva pestalozziana: 1) obter um estado de espírito do educando favorável, mediante sentimentos puros; 2) prática de exercícios morais; 3) o esforço de agir corretamente; 4) a mediação da aprendizagem de noções de moralidade, por parte do educador, através da reflexão e de comparações a respeito das relações entre direito e moralidade no âmbito de circunstâncias imediatas da vida da criança. Na convergência entre desejo e finalidade, a virtude brotaria e a criança naturalmente se desenvolveria em harmonia com sua natureza e necessidades de seu amadurecimento. Dizia o mestre esperançoso, como já citado anteriormente: “[...] tenho visto crescer nas crianças uma força interior cuja grandeza excedeu em muito as minhas expectativas, e cujas manifestações me encheram de espanto e emoção” (Pestalozzi, 2023, p. 32).

Na descrição de sua ação educativa, Pestalozzi permite identificar um pouco mais dos desdobramentos de sua *pedagogia das virtudes*: ele fazia as crianças perceberem, por intermédio do diálogo, os benefícios de seu método, colocando-os em alguma vantagem em relação ao desenvolvimento cognitivo de seus concidadãos e, além disso, percebeu que as crianças reconheciam a relação do processo educativo em curso com a sua sorte futura, na vida adulta. Portanto, em Stanz, o discurso de Pestalozzi indica que a sua prática educativa desenvolvia uma formação humana integral para a virtude, com base em situações concretas ou hipotéticas com as quais os educandos eram desafiados a fazer uso da razão.

Virtude, para compreender o horizonte em que Pestalozzi situa sua *pedagogia*, pode ser concebida como excelência moral enquanto hábito, disposição racional estabelecida, que remete à concepção filosófica aristotélica, onde a vivência do bem tornaria o homem bom e concede o ensejo de realização do dever ou do que se deve fazer (Abbagnano, 2007). Existiriam as virtudes

[...] dianoéticas ou racionais, e as éticas ou práticas, volitivas. Estas consistem na manutenção do equilíbrio entre as paixões e os impulsos, na moderação, porque a virtude

está no meio-termo. A subordinação da moral à razão torna possível o ensino da virtude (Pires, 2020, p. 134).

Logo, para Pestalozzi, a formação para a virtude solicitava inteligibilidade daquilo que se espera da criança no que diz respeito a um comportamento virtuoso. Vejamos que já constatamos que o educador suíço não adota uma prática de promoção de discursos moralistas ou de leituras/memorização de máximas sobre moral ou religião. Na metodologia intuitiva, a partir das circunstâncias postas em análise coletiva, ao que nos parece, Pestalozzi procurava mobilizar as crianças para a construção de juízos éticos, pois, “O desafio da educação é despertar esse ser moral, para que ele empreenda sua autoconstrução [...]” (Incontri, 2012, p. 146).

Há uma evidente filiação intelectual que remete a *pedagogia da virtude* de Pestalozzi à compreensão aristotélica de virtude que a apresenta como “[...] uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática [...]” (Aristóteles, 2019, p. 46). A virtude habitaria no meio termo entre dois extremos (vícios), apresentados pelo excesso e pela falta no que se refere às ações ou paixões. Assim, a virtude seria o meio termo referenciado no bem supremo e a educação moral, enquanto *pedagogia das virtudes*, bem atenderia um ideal de formação humana ao espírito dos valores da modernidade. Se Kant, em sua *Pedagogia*, queria ajudar a suprimir a animalidade subjacente da natureza humana, Pestalozzi queria fazer desabrochar o homem novo, virtuoso, civilizado, necessário a aqueles tempos.

Algo que não podemos deixar passar no relato da experiência de Pestalozzi consiste no sentido da ação dialógica conduzida junto com aquelas crianças para a investigação do que seria justo, belo e bom em termos de autonomia moral. Para esse fim, ele utilizava exemplos locais, situações conhecidas das crianças para o desenvolvimento de seu juízo de valores. É o que se deduz desta sua fala:

Grandes princípios desse tipo, que abrangem todas as nossas disposições em relações circundantes, se forem depositados na alma do homem com pura psicologia, ou seja, com simplicidade, com amor e uma força tranquila, conduziria, necessariamente, de acordo com a sua natureza, para uma disposição de espírito benevolente, acolhedora, para a verdade e a justiça, da qual centenas e centenas de princípios subordinados a essas grandes verdades provém e se fundamentam profundamente em sua faculdade de conhecimento, mesmo que não se possa dar-lhe expressão verbal (Pestalozzi, 2023, p. 40).

Aqui vemos o educador procurando explicitar o seu método, fazer compreender o que realizara na vida daqueles pequenos órfãos em prol de sua formação. Para o desenvolvimento das virtudes como princípios a serem vivenciados recomendava, como podemos recolher do excerto acima, um certo manejo da alma humana – recordemos que a Psicologia passou a se desenvolver como Ciência apenas em meados do século XIX – mediante uma ação educativa eivada de amorosidade e despojada de recursos artificiais, devendo ser desdoblada com calma e em harmonia

para com a natureza da criança em desenvolvimento, com alguma sensibilidade do mestre. Assim, o ato educativo pretenderia levar o educando para uma condição moral benéfica, justa e compreensiva, de forma que o bem encontraria fundamento na razão e no saber e, por consequência, poderia ser vivenciado de diversas formas, ainda que não verbalizadas, pelas escolhas do indivíduo.

Conclusão

Enquanto escritor moderno e clássico do campo da educação, Pestalozzi se apresenta, na Carta de Stanz, como um educador que compartilha suas reflexões nascidas de uma pedagogia em processo de construção pela vivência que o seu projeto de educação popular suscita em razão das demandas da República e das necessidades imediatas de seus concidadãos. Sua escrita é fruto de releitura da própria prática, já nutrida de vivências anteriores em que teria desenvolvido uma ação educativa de caráter filantrópico, alicerçada na absoluta inexistência, antes da criação da República Helvética, de projetos de educação pública, laicos, voltados aos pobres, articulando educação e trabalho e, especialmente, voltada para a formação do cidadão ideal, autônomo, racional, esclarecido e virtuoso, mediante uma pedagogia humanizadora.

A carta analisada neste artigo é um substancioso recorte de uma mentalidade que vigorava no século XVIII, herdeira do movimento iluminista na Europa e permeada do ideal revolucionário francês, no qual os valores da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* estavam presentes e constituíam a pedagogia pestalozziana e o ideário da educação pública, de tal sorte que considera de forma implícita os direitos naturais e autonomia como forma de ser e estar no mundo do ser humano enquanto indivíduo moral e político.

Pestalozzi propunha uma educação moral alinhada ao iluminismo europeu, configurada em um convite constante, por parte do educador às crianças, ao uso da razão para o desenvolvimento de condutas emancipadas, sem moralismos ou memorizações, apreendida pela análise de circunstâncias diárias, através do bom senso fomentado pelo diálogo, aprofundando a compreensão dos dilemas e problemas que se apresentavam à sua realidade.

Provavelmente em razão de alguma inspiração em Comenius (2006) – autor da *Pampédia*, obra pedagógica que visava, no conjunto de sua produção, “[...] oferecer um o conhecimento total a todas as pessoas. [...]” (Coelho, 2022, p. 134) –, Pestalozzi também ansiava popularizar o conhecimento, voltando-se à simplificação do ensino e popularização de sua *didática*, de tal sorte que isso permitiria a realização, entre os seus educandos, do ensino mútuo por meio do qual algumas crianças, já experientes nos processos de ensino e aprendizagem conduzidos por Pestalozzi, poderiam compartilhar suas estratégias e conhecimentos apreendidos com os demais companheiros do lar-escola, algo necessário em razão da demanda de atendimento educacional por

um grupo expressivo de crianças, em etapas distintas de desenvolvimento, como acontecera em Stanz.

Para Pestalozzi, a natureza humana é vocacionada à virtude, que poderia ser apreendida através do caminho do dever como alvo da educação e da conduta como parte de um projeto de sociedade ilustrada, racional, coerente com o espírito republicano. A educação moral em Pestalozzi humanizaria o indivíduo e se manifestaria como uma *pedagogia das virtudes*. Ela seria a arte de desenvolver o educando em suas potencialidades através de processos de intervenção que promoveriam novos hábitos, respeitando a harmonia do ser em florescimento natural e integral, em que se aliariam atividades de instrução escolar, educação moral e trabalho, os quefazeres pertinentes ao convívio na instituição escolar que imitaria a organização familiar.

Por fim, o autor Pestalozzi se revela como um clássico da educação moderna que, mergulhado no espírito de uma época, propugna a racionalidade como recurso de emancipação humana pela educação do caráter e da instrução intelectual. E a tradução da obra *Como Gertrudes ensina suas crianças*, da qual deriva esta análise específica à *Carta de Stanz*, afere especial contributo às reflexões atuais sobre a Pedagogia quanto aos modos de ensinar, modos de alfabetizar e destaca o desenvolvimento da autonomia na criança e sua relação com a natureza.

Trata-se da formação do homem novo, liberto do obscurantismo do passado e aberto à conquista de novos valores. Não há freios para o pensamento e para a liberdade para a qual a natureza humana é vocacionada. O dever é o roteiro ético a ser trilhado pelo cidadão demandado pela nova ordem social moderna. E, comprometido com os pobres, Pestalozzi afirma uma educação pública de caráter popular, ou seja, coerente com as necessidades e direitos fundamentais do povo, como ocupação humanitária do Estado, baseada na invenção da cidadania, pelo anseio de universalização do conhecimento e pelo laicismo, de modo muito coerente com a sua perspectiva filosófica, difundida desde *Minhas Investigações*.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. rev. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Lebooks Editora, 2019.
- BRUM, Mara Lucia Teixeira. **A pedagogia social em Pestalozzi**: teoria e prática pedagógicas. Orientadora: Neiva Afonso Oliveira. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

COELHO, Humberto Schubert. **História da liberdade religiosa**: da reforma ao iluminismo. Petrópolis/RJ: Vozes Acadêmica; Instituto Homero Pinto Vallada, 2022.

COMENIUS. **Didática Magna**. Trad. Marta Ivone C. Benedetti. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DESCARTES, René. **As Paixões da Alma**. Trad. Newton de Macedo. Brasil: Mimética, 2009. (Edição do Kindle).

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Brasil: Mimética, 2019. (Edição do Kindle).

FALCON, Francisco José Calazans. **História cultural**: uma visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

HILLESHEIM, Maria Elisa. O universo educacional e a proposta de Pestalozzi. In: NUNES, Beatriz Helena P. et al. **Em torno de Rivail**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004.

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções: 1789-1848**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

INCONTRI, Dora. **Pestalozzi**: Educação e ética. São Paulo: Scipione, 1997.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2012.

LOUSADA, Vinícius Lima. **Ecos de processos educativos com recicladores/recicladoras**: um estudo a partir de um projeto de educação popular ambiental. Orientadora: Maria Stephanou. 2011. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PERROT, Michelle. A família triunfante. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada, 4**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PESTALOZZI, Johann Enrich. **Mis Investigaciones**. Trad. José María Quintana Cabanas. Madrid: Machado Livros, S.A., 2004.

PESTALOZZI, Johann Enrich. **Pestalozzi a su época (1802-1803)/Opinión sobre un seminario de maestros en el cantón de Waadt (1805-1806)**. Selección, estudio preliminar y traducción José María Quintana Cabanas. Barcelona: PPU, S.A., 2008.

PESTALOZZI, Johann Enrich. **Como Gertrudes ensina suas crianças**. Trad. Cauê Polla. São Paulo: Editora UNESP/SBHE, 2023.

PIRES, J. Herculano. **Os Filósofos**. São Paulo: Editora Paideia, 2020. (Edição do Kindle).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, da educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WEISS, Jussemar. Educação popular e cultura republicana na França: o limite do campo e a elasticidade do conceito. **História da Educação**, Pelotas, ASPHE/FAE/UFPEL, n. 16, p. 79-90, set. 2004
UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA. **Projeto Pedagógico Curricular – Pedagogia**. Editora Unoesc, 2023.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ed. Porto Alegre: Bookman, 2016.